



José Cardoso Pires

AS VIRGENS DE SRI LANKA

O autocarro dos congressistas deixou o aeroporto ao entardecer e seguiu para a capital, por entre pântanos de lama percorridos por bois cinzentos. De caminho, um estabelecimento comercial com um grande letrreiro na fachada: Freitas Stores — e mais adiante, em abóbada azul-celeste, uma imagem da Senhora de Fátima (ou de Lourdes) a dar as boas-vindas a esta república budista.

E de repente vejo-me, com armas e bagagens, no “hall” do Regent of Colombo, um

O prostíbulo era uma sala espaçosa com oito crianças sentadas contra a parede do fundo. Frente a nós, as crianças-meretrizes olhavam-nos em silêncio, com os rostos carregados de pinturas berrantes e uma flor nos cabelos. Como quem obedece a um ritual, ofereceram-nos a flor que lhes enfeitava o cabelo: “Like me?”.

velho hotel colonial inglês, com enormes ventiladores de pás a girarem no tecto alto e uma escadaria nobre em corrimão de bronze. Há criados de bandeja a servirem o gin do anoitecer: deslizam em silêncio, elegantemente descalços e com aventais de goma até aos pés, numa brancura imaculada que os torna ainda mais silenciosos. Por aqui anda a pairar certamente o fantasma de Rudyard Kipling, que foi celebrante confesso do imperialismo das majestades britânicas.

O silêncio. Durante a minha estada em Sri Lanka seria essa a chave da linguagem dos naturais na sua relação com o visitante.

Eles seguiam-no por toda a parte, à espera de uma oportunidade de o servirem. Colavam-se-lhe como uma sombra, até que com duas ou três palavras submissas lhe propunham tudo, sexo, pedras preciosas, lugares secretos, tudo.

Numa excursão às plantações do chá, um desses párias à deriva, à falta do tabaco americano ou dos pequenos artesanatos com que perseguiram os turistas, ofereceu-me a sua desesperada mercadoria: um gigantesco escorpião que trazia preso por um cordel: “Two dollars, two dollars!”

Mas mais desoladores do que toda esta miséria errante, disse-me um advogado de Colombo, eram os prostíbulo infantis. Purgatórios dos anjos, foi assim que ele mos descreveu, e, posto isto, levou-me até um deles que ficava lá para os lados da praça conhecida por The Forte, onde ainda está, apontada ao mar, uma bombardinha dos conquistadores portugueses de que falamos os cronistas.

Tanto quanto vi, o prostíbulo era uma sala espaçosa com oito crianças sentadas contra a parede do fundo (duas delas não chegavam sequer com os pés ao chão) e, como anfitriã, recebeu-nos uma indiana vestida à ocidental que nos encaminhou para duas poltronas. Whisky, cerveja, gin?, perguntou ela com toda a cortesia.

Frente a nós, as crianças-meretrizes olhavam-nos em silêncio, com os rostos carregados de pinturas berrantes e uma flor nos cabelos. A meio da fila, muito juntas, havia duas que nos deitavam um sorriso parado, sem vida. Vieram até nós e, como quem obedece a um ritual, ofereceram-nos a flor que lhes enfeitava o cabelo. “Like me?”, pergun-

taram; e sem esperar resposta, voltaram ao lugar e revestiram-se novamente do seu sorriso parado.

Fitavam-nos com uma quietude que desafiava a eternidade. Logo depois outros sorrisos iguais se desenharam, um por um, ao correr da parede. E ficaram. Aguardavam uma decisão, como escolares que cumprem uma prova há muito repetida.

Sozinho, ao jantar, rememorei nessa noite as meninas de Colombo como um rosário de sorrisos alinhados numa parede deserta. Comia no jardim do hotel, com um luar morno a iluminar-me e com o mar a espriar-se à minha frente por entre arbustos perfumados. Delícias dos impérios perdidos, não havia dúvida. Criados submissos, o Regent of Colombo a prolongar-se para lá do tempo, ao compasso dos ventiladores que adormeciam os seus salões coloniais. Ali estava eu, no Ceilão que os meus avós tinham dominado; na ilha da fortuna que na abertura de “Os Lusíadas” tinha o nome de Taprobana e figurava como meridiano de referência da coragem e da glória; no jardim das especiarias que depois de nós passou às mãos dos holandeses e depois à Coroa Britânica. Nisto que é agora Sri Lanka e que, em bandeira de independência, exhibia os sorrisos malditos da infância atraída.

Hoje, ao escrever isto, lembro-me de duas crianças prostitutas que vi uma destas noites à porta da Casa dos Bicos. Exacto. duas crianças prostitutas nesta nossa República de Sucesso e precisamente à porta da casa onde viveu a família de Afonso de Albuquerque, esse que foi Capitão das Índias e Leão do Oriente. ●